

# COMPORTAMENTOS ADICTOS E AUTO-ESTIMA - MÉTODOS QUALITATIVOS

Trabalho desenvolvido na área curricular Avaliação Psicológica – Métodos Qualitativos

2011

**Sara Sofia Pereira Sequeira**

Estudante da Licenciatura em Psicologia - Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes  
(Portimão, Portugal)

Docente:

**Dr.ª Brigitte Henriques**

E-mail:

[sarasofiapereirasequeira@gmail.com](mailto:sarasofiapereirasequeira@gmail.com)

---

## RESUMO

Este trabalho pretende estudar a relação que existe entre comportamentos de risco que ocorrem socialmente e a auto-estima do indivíduo. Será abordado o tema álcool e droga e a sua interferência na auto-estima de um indivíduo. Vai expor-se a investigação elaborada pela autora do trabalho sobre o consumo de álcool e ou drogas em ambientes nocturnos, relacionando esse consumo ou adição com a auto-estima do indivíduo em meios sociais. Procura averiguar-se através de testes qualitativos e quantitativos se existe algum relacionamento entre o consumo de substâncias e a auto-estima em S.

**Palavras-chave:** Consumo, álcool, drogas, meio social, auto-estima, entrevista, testes psicológicos

---

## 1 - INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue pretende revelar uma investigação realizada pela autora do seguinte trabalho, recorrendo a investigações de outros autores, realizadas anteriormente, sobre a relação que existe entre o consumo de drogas e ou álcool e a auto-estima de um indivíduo em ambientes sociais.

O álcool pode surgir como um dos meios de integração social, já que é uma droga aceite a nível social (Arriaga, M., Claudino, J., Cordeiro, R., 2004), já a droga em si, diferencia-se por ser algo inaceitável pela sociedade.

Os momentos de lazer apresentam apenas um objectivo, ou seja, a extinção de alguém ou de alguma coisa, o que poderá ser a supressão do mal-estar, da vergonha, da humildade, da introversão. Isso faz com que os conflitos morais não surjam, que a aprendizagem moral não seja completamente concluída, (Espinosa, 2000).

O comportamento ou atitude tem a ver com as posições que adoptamos socialmente, é o que esperamos de alguém, são as atitudes que esperamos de alguém, dependendo da posição que ocupa na sociedade.

A “diferença” perante um comportamento ou atitude tomados é definida pelo tipo de sociedade em que estamos inseridos, (Durkheim, 2002).

A grande parte dos comportamentos desviantes ocorre quando o indivíduo adopta meios “inaceitáveis socialmente” para atingir objectivos “socialmente inaceitáveis”, (Merton, 1979).

O ilícito ou ilegítimo não é uma qualidade ou consequência de uma atitude, mas uma consequência de normas impostas, (Becker, 1963).

Podemos dizer que os actos realizados por um indivíduo e não aceites pela sociedade em que vive têm a ver com o próprio indivíduo, com o construir ou contribuir para normas que possam dar funcionamento ou dar continuação a uma sociedade, mas essas normas não deverão prejudicar a si próprio ou aos outros.

Durante a evolução deste trabalho iremos ter oportunidade de perceber porque são tomadas estas atitudes ou comportamentos “ilícitos”, através da história de S.

## **2 - PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **2.1 - Avaliação psicológica**

“É um instrumento de estandardização que mede objectivamente um ou mais aspectos de uma personalidade total, através de amostras de respostas verbais ou não verbais ou outras formas de comportamento”, (Freeman, 1962).

“Teste psicológico é uma medida objectiva e estandardizada de uma amostra de comportamento”, (Anastasi, 1988).

A avaliação psicológica envolve, não só o uso de testes mas, o recurso a outras metodologias (entrevista clínica, observação, portfólio, estudo de caso...), é um conjunto de

práticas e procederes de recolha e interpretação de informação de natureza psicológica, com o objectivo de realizar um exame psicológico. O investigador pretende sempre que a medida a utilizar seja objectiva, relativamente ao tema em questão.

A Avaliação Psicológica permite aprofundar a compreensão das diferentes dimensões do psiquismo, sem que se despenda muito tempo. Utiliza a Psicometria para a recolha mais objectiva de dados, mas não se limita apenas a ela. (Ktree, 2010)

### **2.1.1 - Avaliação psicológica - Métodos Qualitativos**

Thorndike, no início do Sec. XX, mencionou “Se alguma coisa existe no Universo, existe certa quantidade. Se existe certa quantidade, é possível medir.”, (Henriques, 2010).

Não podemos dizer que, métodos qualitativos são métodos que não recorrem a números, cálculos de percentagens e médias, técnicas de estatística, amostras numéricas, questionários fechados ou escalas. Os métodos qualitativos baseiam-se na interpretação naturalista dos assuntos ou temas em questão. Pode dizer-se que, ao fazer uma pesquisa qualitativa, o investigador irá estudar e pesquisar, recorrendo ao seu “instinto”, à sua personalidade, à sua natureza.

O investigador qualitativo vai para perto do seu objectivo de estudo, do seu plano de estudo, vai ao interior da área que quer investigar, entra no íntimo da vida do grupo que quer pesquisar. O investigador qualitativo vai ao mais ínfimo pormenor dos fenómenos ou seja, dos comportamentos, conversas, movimentos, sentimentos e até pensamentos. Tudo isto para conseguir a melhor qualidade na sua investigação, mas sempre recorrendo ao naturalismo e não ao laboratório.

Morse e Field expõem uma apresentação bastante elucidativa acerca do que são métodos qualitativos: “são métodos de pesquisa indutivos, holísticos, subjectivos, orientados para o processo, utilizados para compreender, interpretar, descrever e desenvolver teorias relativas a fenómenos”, (Turato, 2000).

Os métodos qualitativos têm como objectivo uma análise de conteúdo, uma classificação qualitativa e abordagens discursivas, codificando, contando, interpretando e delineando narrativas, com o objectivo de obter modelos e descrições estatísticas, de construir uma teoria formal e de construir uma interpretação cultural.

Para concluir, os métodos qualitativos e os métodos quantitativos funcionam na perfeição se forem conjugados, utilizando-se tanto o material qualitativo, como o quantitativo. Para a autora do trabalho, os métodos qualitativos e quantitativos têm sempre de dar as mãos, não são opostos, são complementados um pelo outro.

### 3 - VARIÁVEIS DO ESTUDO

#### 3.1 - Comportamentos Adictos

Um comportamento adicto refere na sua essência um comportamento “apontado” como ilícito pela sociedade em que se vive, o adicto é alguém que sofre e faz sofrer os que o rodeiam.

Existem pelo menos três tipos de utilizadores de drogas:

O usuário leve que é alguém que utiliza as drogas para se integrar, protestar ou mesmo por influência. É alguém que vive para além do uso das drogas, trabalha e/ou estuda, tem a sua família e uma vida aparentemente normal.

O dependente psicológico que possui uma real dependência das drogas, consegue requerer uma desintoxicação e posteriormente abandonar o uso dos estupefacientes.

E, por fim, o dependente químico ou adicto que é alguém completamente dependente da droga, tem uma obsessão para utilizar a primeira dose e a partir daí fica obcecado com o utilizar de mais e mais quantidades. É alguém que se deixa levar pelo uso da droga, compila insucessos, normalmente fica deprimido, pode tentar o suicídio ou pode envolver-se em crimes.

Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, verifica-se uma descida entre 1999 e 2003 (The European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs). Nos estudos que se efectuaram em 2004, encontra-se uma preferência por bebidas espirituosas, em seguida cerveja e, por último, o consumo de vinho. Pode concluir-se que o consumo destas bebidas se deve ao facto de serem as bebidas mais populares ou mais consumidas socialmente e também mais acessíveis (Arriaga, M., Claudino, J., Cordeiro, R., 2004).

Pode classificar-se os consumidores de álcool em três (OMS – Organização Mundial de Saúde):

Os consumidores de risco têm um padrão de consumo que pode vir a implicar danos físicos ou mentais se não conseguirem controlar esse consumo.

Os consumidores nocivos têm um padrão de consumo que causa danos à saúde, quer física ou mentalmente mas, não têm as características dos dependentes.

Os dependentes de álcool têm um padrão de consumo instituído por um agregado de aspectos comportamentais e clínicos. São pessoas que se descontrolam na utilização de álcool e continuam apesar das consequências na sua vida, chegam ao limite quando perdem a noção das suas obrigações e bem-estar, aumenta a tolerância ao álcool e ocorrem sinais de dependência quando o álcool não é utilizado.

O consumo de álcool é geralmente relacionado com o surgimento de certos problemas ou patologias de carácter físico, psicológico e social, sendo assim, considerado um problema de saúde pública.

### **3.2 - Auto-estima**

A auto-estima é algo que nasce com o ser humano e ao mesmo tempo cresce ou diminui, consoante a forma de vida de cada ser, consoante os receios e angústias que nascem, consoante o modo de ver a vida de cada pessoa. Quem sofre com seus medos e é ansioso preocupa-se demais com a opinião dos outros, existe um medo de ser criticado, existe um medo de errar, um medo de não saber como agir num determinado momento, isto leva à insegurança e, por consequência, à diminuição da auto-estima.

“O homem é basicamente irracional”, “os seus impulsos, se não forem controlados, levarão à destruição dos outros e do self”, “ a auto-estima é um conjunto de crenças que cada um possui sobre a sua natureza, as suas qualidades próprias e os seus comportamentos característicos”,(Rogers, 1951, 1961, 1980, in Weyne, 2002).

Carl Rogers destaca a auto-realização através do treino da sensibilidade, grupos e outros exercícios que promovem o crescer da auto-valorização. Tal como Freud, Rogers baseou a sua teoria da personalidade em terapias que teve com clientes seus.

Rogers defende que as experiências dos indivíduos ameaçam a visão de que têm de si próprios, isso provoca, por vezes, a ansiedade supra citada, levando assim a uma baixa auto-estima. Para que consigam prevenir este estado de ansiedade, os sujeitos utilizam mecanismos de defesa na tentativa de fugir às adversidades que a vida lhes impõe. Para isto, muitas dessas pessoas ignoram os seus sentimentos, fingem, negam e distorcem a sua própria imagem para se poderem prevenir e assim conservar a sua auto-estima.

Podemos concluir que muitas pessoas vão longe demais, exageram para se proteger, escondem de si próprios, mentem acerca de sentimentos menos bons tudo isto para protegerem a sua própria auto-estima.

## **4 - PARTE II – RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO: AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA**

### **4.1 - Introdução**

Este estudo consiste em, através de uma investigação aprofundada, tentar saber qual a ligação que existe, ou se existe uma ligação, entre o consumo de substâncias prescritas ou não e a auto-estima de um indivíduo.

Pode considerar-se que nesta investigação recorreu-se a vários estudos realizados anteriormente, por vários autores. Recorreu-se também a um estudo individual de caso, realizando-se uma entrevista, exercendo-se uma observação naturalista e aplicando-se testes psicológicos que serão abordados mais adiante.

## **4.2 - Objectivos**

Os objectivos gerais deste trabalho, consistem em tentar saber qual a relação da utilização de álcool e ou drogas na auto-estima de uma pessoa em meio social.

Os objectivos específicos da elaboração deste trabalho incluem o nível de conhecimento perante as drogas (o seu nome, o seu efeito, o seu perigo), o nível de aceitação social perante o seu consumo, bem como as crenças acerca da utilização destas substâncias.

Esta investigação foi realizada no âmbito das unidades curriculares de Avaliação Psicológica – Métodos Qualitativos, leccionada pela Dr.<sup>a</sup> Brigitte Henriques, e Avaliação Psicológica – Métodos Quantitativos, leccionada pela Mestre Carla Tomás.

## **4.3 - Métodos**

### **4.3.1 - Participante**

S., tem 25 anos, é designer gráfico freelancer e trabalha como recepcionista num resort de luxo em Sagres.

Filho de pai pescador e mãe doméstica, a sua infância foi vivida num bairro pobre de Setúbal na companhia dos seus pais e do seu irmão mais velho. Entretanto, mudaram de casa, para o bairro mais rico de Setúbal.

S. começou a trabalhar na adolescência, trabalhava na praia a alugar gaiivotas, vivia os verões na praia e ajudava os seus pais que, entretanto, tinham uma concessão na praia.

S. Continuou sempre a estudar e no 4º ano de licenciatura foi para Barcelona, fez Erasmus. Ficou em Barcelona durante 2 anos e meio, viveu no Bairro Gótico de Barcelona onde viu bastantes coisas que diz que o “fizeram crescer enquanto homem”.

Tornou a Setúbal, com saudades dos familiares, teve um pequeno acidente, sofreu uma cirurgia médica, começou a namorar e entretanto terminou essa relação amorosa.

É uma pessoa que se diz adaptar-se ao mundo, tal como ele é.

Considera-se um consumidor não dependente de droga (canabinóides), tal como ele refere “gosto que a substância chegue aqui e circule livremente”, e consome álcool socialmente.

#### **4.3.2 - Instrumentos de Avaliação**

Fez-se uma avaliação psicológica através da recolha e integração de informações psicológicas, com o objectivo de realizar uma avaliação psicológica, utilizando instrumentos como a entrevista, observação de campo e alguns testes psicológicos. A realização desta pesquisa foi completa com o estudo psicológico e a observação comportamental de S.

Os métodos utilizados para a realização deste trabalho foram meios qualitativos e quantitativos de recolha de dados.

Em primeiro lugar, foi realizado um desenho de investigação, pesquisou-se sobre o tema a estudar bem como as variáveis que iriam relacionar-se, elegeu-se a faixa etária em que se aplicariam os conhecimentos, chegou-se à conclusão de como realizar esse estudo, adoptando o melhor método de recolha de dados.

Para a recolha de dados fez-se uma entrevista clínica semi-estruturada, tendo em conta o que iríamos observando qualitativamente, ou seja, tendo em conta todos os comportamentos e linguagem não verbal, utilizando uma grelha de observação, Elaborada por: Sequeira, S. 2010.

Em seguida aplicaram-se os seguintes testes a S.:

Escala de Representações Sociais do Consumo de álcool e drogas, cotado através de uma escala de Likert, este teste é composto por 32 questões que se dividem em 3 escalas, são elas a escala de informação, a escala de atitudes e a escala de crenças (Carvalho, A. C. & Leal, I. P. 2009).

Foi aplicado o teste estandardizado DAST – Drug Abuse Screening Test que é composto por 28 itens aos quais o indivíduo terá de responder SIM ou NÃO e, dependendo do valor total de respostas positivas superiores a 6, teremos o resultado para um índice quantitativo de problemas relacionados com o abuso de drogas.

Por fim, foi aplicado o teste “Como é que eu sou” - Perfil de auto - percepção do adulto, de Susan Harter, que é um teste que mede a auto-estima do indivíduo, (cedido por: Tomás, C., 2010).

Antes da aplicação dos testes ou antes de realizada a entrevista, teve-se em conta o ambiente físico tal como a iluminação ou ruído, e o ambiente psicológico, tal como o tempo disponível para a elaboração dos testes propostos, bem como a disponibilidade do sujeito a entrevistar.

O seguinte trabalho visa utilizar métodos qualitativos e quantitativos para a recolha de dados e conseguinte interpretação. Os métodos utilizados foram, como já anteriormente mencionado, a entrevista clínica semi-estruturada com o apoio da grelha de observação comportamental e aplicaram-se os seguintes testes, a Escala de Representações Sociais do Consumo de álcool e drogas, o teste estandardizado DAST – Drug Abuse Screening Test e, por fim, foi aplicado o teste “Como é que eu sou” - Perfil de auto - percepção do adulto.

### **Desenho de Investigação**

O desenho de investigação refere-se a um plano de investigação onde se colocam as datas de todos os passos que se irá dar, quando esse desenho já se encontra definido, especifica-se o método de estudo e o método de recolha de dados, isto consoante o tipo de tema que se vá investigar.

Esta é uma técnica que serve para recolher, conferir, verificar e analisar os dados recolhidos durante o processamento de uma investigação ou estudo.

### **Observação**

A observação consiste na análise directa dos comportamentos e atitudes do indivíduo, com o objectivo de recolher dados importantes para a resolução de um problema pelo qual o indivíduo se tenha deparado. A observação deverá ocorrer em todas as circunstâncias, desde que se tenha contacto com o observado, ou seja, durante a entrevista, durante a realização de testes, ou mesmo, durante o dia a dia.

Neste trabalho foi utilizada uma grelha de observação elaborada pela autora do trabalho.

### **Entrevista Clínica semi-estruturada**

A Entrevista é uma relação estabelecida entre duas ou mais pessoas.

“É um encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinados, implicando a presença de um profissional e de um leigo” (Rogers). É uma relação estabelecida entre duas ou mais pessoas.

A entrevista semi-estruturada é caracterizada por um guião previamente elaborado e que serve de orientador no decorrer da entrevista, não exige que as perguntas sejam feitas de forma linear nem objectiva, mas que se tenha uma ideia dos dados que queremos recolher ao longo da entrevista.

Uma entrevista, tal como outro método de estudo, tem sempre os seus pontos fortes e fracos. Os pontos fortes da aplicabilidade de uma entrevista é o estar cara a cara com o entrevistado e poder observar os seus gestos, expressões, bem como todo o comportamento e linguagem não verbal, permite introduzir questões novas, permite modificar toda a estrutura da entrevista e permite ao entrevistador ser flexível. O ponto fraco que se pode referir é o requerer uma boa preparação do lado do entrevistador.

### **Entrevista a S.**

Foi marcada a entrevista para uma semana depois da primeira marcação que, por motivos pessoais do entrevistador, não foi possível ser realizada. Marcou-se a entrevista para uma sala privada na junta de freguesia de Vila de Sagres. Uma sala neutra, onde haviam apenas computadores e uma placa de aquecimento. Essa sala foi cedida pelo Sr. Santana, presidente da Junta de Freguesia de Vila de Sagres.

Depois de uma conversa anterior à entrevista, onde se retirou uma primeira imagem, que foi agradável, S. estava bem vestido, foi simpático quando chegou ao local combinado e informou que iria ajudar e apoiar na minha investigação, soube-se que S. é Designer gráfico freelancer e trabalha como rececionista num resort de luxo em Sagres. S. aceitou que a entrevista fosse áudio-gravada.

Antes da entrevista, informou-se o entrevistado que se iriam aplicar testes psicológicos, algo que ele já tinha conhecimento e optou para que fossem aplicados no próprio dia.

Entrevistador – Que idade tem?

S. – 25.

E. - Como foi a sua infância?

S. – Há sempre uma parte da infância que se consegue recordar e eu não sou excepção. Cresci num bairro pobre se Setúbal, o meu pai é pescador e a minha mãe doméstica, os meus pais

dão-se muito bem, são amigos, ainda hoje são pessoas muito cúmplices, têm personalidades completamente distintas.

O meu pai, embora seja pescador, é pescador porque decidiu ficar com a minha mãe. A família dele tem muito dinheiro e a minha mãe é de uma família completamente sem nada, é uma história de amor muito bonita, a deles. E isso acaba também por transportar também um pouco para os filhos, conhecer essa história e a noção que tenho do mundo e a noção que tenho do amor. Parte um bocado por isso e eu tenho muito orgulho.

Os meus primeiros anos de vida e o ter nascido num bairro pobre foi muito importante para a minha construção como homem.

Ora bem, onde é que eu posso ir mais? Boas recordações da infância.

E.- Ou más recordações.

S. – Poucas. Poucas porque estava sempre dentro do barco com o meu pai, ia ajudá-lo, conheço muito bem o mar, conheço muito bem o nascer do Sol dentro de um barco, conheço muito bem o que é ser feliz com tão pouco.

E. – O que é ser feliz com pouco?

S. – Ser feliz com pouco é ver os colegas de escola que já tinham consolas e já tinham “action man’s” e eu brincava com coisas do tipo molas, colheres de sopa, legos que as já não queriam e davam-me, tás a ver?

Mas comida nunca faltou. O meu pai sempre fez uma coisa comigo e com o meu irmão que era dar passeios, pegava em nós e íamos pela baixa de Setúbal, passear, falar, e o facto de não ter crescido muito agarrado às tecnologia fez com e, também um bocado pela educação do meu pai, sempre lemos muito. Música, o meu pai é um amante de música, rock alternativo, sei lá, todo o tipo de música, Doors, Pink Floyd, por aí fora, e depois surgiu a oportunidade através do meu avô, que tem algum dinheiro oferecer uma casa à minha tia e ao meu pai. O meu pai como viu que eu e o meu irmão estávamos numa fase em que precisávamos de mais conforto e até para a minha mãe e tudo o mais e eu ia entrar para o 5º ano, o meu irmão tem mais 5 anos que eu e já estava no 9º ou coisa assim, e o meu pai decidiu, sim senhor vou agarrar esta oportunidade e vou continuar a fazer a vida que faço, não vou ter que pagar uma casa, é um salto qualitativo muito bom para a nossa vida. Então passei de um dos bairros mais pobres de Setúbal, para o bairro mais rico de Setúbal, para o bairro do liceu. Então isso foi tudo uma novidade, aí sim é que eu comecei mesmo a contactar com o que tinha sido a minha infância e a dar valor, os amigos que eu conheci nesse bairro vi que eram completamente diferentes dos grandes amigos que tinha no bairro pobre, que partilhavam.

Nos bairros mais pobres, as pessoas são, às vezes, um bocadinho acomodadas sabes? Porque, e é por isso que eu dou muito valor ao meu pai, que é a base da nossa família, que ele explicou-nos que o mais importante para tu interagires com o mundo é o conhecimento. Se tens

conhecimento, tu consegues interagir, seja com quem for, adaptares-te a qualquer lei. Portanto, o grande capital é o capital humano, muitas vezes esse capital humano não existe num meio mais desfavorecido, não porque as pessoas não queiram mas porque as pessoas não têm mesmo...

E. – Possibilidade.

S. – Sim, não têm possibilidade ou porque também não querem educar os filhos do tipo, “olha levanta-te e vai buscar ...”, são pessoas acomodadas.

E. – E a sua adolescência? Como foi?

S. – Na adolescência chega também o trabalho, que é uma coisa importante no meu crescimento, porque o meu pai e a minha mãe têm um negócio numa praia, agora, que é na zona de Setúbal, e eu desde muito novo que trabalhei a alugar gaiotas. Então, foi muito cedo que eu comecei a trabalhar, então foi muito naquela onda de que nós temos de organizar a nossa vida e então fui obrigado a crescer assim, muito rapidamente.

Mais, brincadeira na praia, todos os verões eu estava na praia, dormia na praia...

E. – Pode dizer-se que foi uma adolescência feliz?

S. – Sim...

E. – E coisas más? Não se passou nada que não tenha contribuído para a felicidade apenas?

S. – Sei lá...

E. – Eu apenas sugeri, não quer dizer que aconteceram.

S. – Eu não tomava as coisas como coisas más mas sim o primeiro contacto com o mundo, esse é o grande desafio da adolescência. O mundo que criámos dentro da nossa cabeça, ele não existe, a adolescência é o primeiro contacto com o mundo a sério. É um choque. Ou te adequas ao que existe no mundo ou tornas-te uma pessoa infeliz e vives sempre num mundo maravilhosos que existia na tua cabeça.

E. – E você vive num mundo que existe só na sua cabeça?

S. – Eu não, eu vivo num mundo real.

E. – E é bom adaptar-se?

S. – É, sem dúvida.

E. – E o tempo pré adulto? Como foi?

S. – Eu fiz Erasmus no 4º ano de licenciatura, era novo, tinha mais ou menos 21 anos, fui para Barcelona. Fazer este Erasmus foi a coisa mais importante que me aconteceu no crescimento enquanto pessoa, para além da figura materna e paterna serem coisas muito importantes. Depois vem a fase em que aprendes por ti, já tens os mecanismos para ires à tua vida. Então surgiu a hipótese e eu candidatei-me a Erasmus, candidatei-me a Bari na Itália e a Barcelona em Espanha.

Entretanto, fui para Barcelona durante 2 anos e meio, estudei e depois apaixonei-me pela cidade e fiquei lá durante mais uns tempos. Disse aos meus pais que faria qualquer coisa por lá, que trabalharia mesmo sem ser na minha área e assim foi, fui trabalhar num hotel em Barcelona, a carregar malas e colocá-las nos quartos, estacionar carros, o que lá dá bué dinheiro, ganha-se bué gorjetas. Era uma empresa de trabalho temporário, recebia 8,74 Euros há hora mais as gorjetas, trabalhava 8 horas, tas a ver o dinheiro que isso dá num dia, agora imagina a fazeres 22 ou 23 dias a receberes esse ordenado e gorjetas, és um engenheiro, era um engenheiro.

E. – Então quer dizer que a ida para Barcelona o fez crescer bastante.

S. – Muito mesmo, porque ali é diferente, é uma região de Espanha que pouco se fala castelhano, fala-se catalão, tu não conheces ninguém português ainda, depois procurar uma casa e não sabes como, e aquilo era, “bem-vindo ao mundo, orienta-te, aqui ninguém vai fazer nada por ti, tens que ser tu”. E assim arranjei uma casinha, através de uma imobiliária. Conheci 2 portugueses de mala às costas, era o Tito e o Marco, que também andavam à procura de casa, juntei-me com eles numa casa a 5 quilómetros de Barcelona, depois eles voltaram para Portugal e eu voltei a ficar.

Depois aconteceu-me a coisa melhor que me podia ter acontecido, que foi arranjar casa no Bairro Gótico de Barcelona, que é o centro cultural de Barcelona, não cultural de cultura, mas cultural de várias culturas juntas, lá tens vizinhos paquistaneses, eslavos, marroquinos, muito. Sais à rua e cheira-te a caril, ou vês alguém a beber vodka, ou estás a ver um marroquino a fumar um bomgo de crack ou de ópio. Isso é uma coisa boa e má na minha vida, vi coisas lá que nunca pensei ver em toda a minha vida, coisas que nunca pensei que um ser humano pudesse chegar a esse ponto. Mas também se eu não conhecesse o mundo assim, como ele é, real, poderia passar uma vida inteira, quem sabe, aqui em Sagres, a pensar que o mundo era só isto aqui e as pessoas são boas mas, não, o ser humano tem um lado que é completamente negro e animal. E viver lá fez com que eu visse de tudo um pouco.

E. – Mas como o quê em especial?

S. – Com a degradação a que um ser humano pode chegar. Olhava para aquelas pessoas e pensava, “o que é que se passou”, vivem só para aquilo, a vida de um alcoólico, por exemplo, é arranjar um Euro para poder beber aquele vinho que tu usas para tempero. E para eles aquilo é o dia-a-dia, e pensas como é que é possível?, Como é que as pessoas chegaram a este ponto?, O que é que se passou?, depois vem a compaixão, dá vontade de poder ter poderes para poder “curá-las”.

Que posso falar mais? O que possa ter influenciado... As pessoas são completamente diferentes das pessoas portuguesas, talvez pela cultura mas é difícil explicar o que é a cultura lá porque lá é o mundo, é como se fosse a Torre de Babel, contactas com todo o tipo de pessoas.

E. – E a vida agora? Hoje em dia? Já que entre os 21 anos e os 23 anos estive em Barcelona, depois segui logo rumo a Sagres?

S. – Não. Depois disso eu voltei a Setúbal, deu-me saudade da família sabes? Interrompi por momentos a estadia em Barcelona. Depois em Portugal, acontecem coisas imprevistas, conheci a minha ex-namorada, parti um pé, fui operado ao menisco, no joelho. Esse tipo de coisas, foram adiando o meu regresso a Barcelona e ter conhecido a Ana foi bom na altura, deu-me outras perspectivas de vida, e eu sou incapaz de trocar um sítio por uma pessoa. Para mim a Ana era uma pessoa muito especial.

E. – Porque é que vocês acabaram o relacionamento?

S. – Dá e não dá para explicar, porque ela pode pensar que foi por uma coisa e eu penso que foi por outra. Sinto-me confuso. Sei lá, é uma cena complicada. Foi um amor a sério, eu queria a Ana para mãe dos meus filhos.

E. – Então, já vi que esse assunto o incomoda, fale-me então dos seus hobbies, ou seja, o que faz nos tempos livres.

S. – Ler, música, jogar futebol, sou um apaixonado por futebol, sou um Sportinguista ferenho, acho que isso é importante ficar aqui assente nesta entrevista “eu sou Sportinguista Ferenho”. Mais hobbies, no verão faço canoagem.

E uma coisa que não é bem um hobby, mas que eu faço muita questão, é reunir sempre os meus amigos, sempre que tenho possibilidade. Em vez de estar no facebook, que para alguns é um hobby, eu não tenho facebook nem hi5, sou completamente contra as redes sociais, sou a favor das mesas de café.

Pegas no telemóvel ligas ao teu pessoal e combinas numa mesa de café, ali sim, vês a expressões sabes? É bom, prefiro. Ali ninguém se esconde atrás de um computador, estás frente a frente, olhas nos olhos. Eu sou muito sociável, gosto de estar sempre a falar e conhecer.

E. – E sair à noite?

S. – Ai sim. É um hobby, para mim é uma necessidade.

E. – Bem, eu vou falar sobre os testes que irei aplicar, já que verá o seu conteúdo daqui a instantes e terei de tirar algumas dúvidas consigo. (falei sobre os testes que iria fazer, sobre o assunto que se tratava, falei de que iria abordar o tema álcool e ou drogas, que poderia existir ou não dependência ou consumo).

Há algum tipo de consumo de substâncias?

S. – Há consumo, sim, há consumo.

E. – O que é que pensa do consumo em si?

S. – Então...

E. – Informo que tudo é em sigilo, o seu nome nunca aparecerá.

S. – Sim, sim, eu sei. Eu quero ir ao tipo de substância e ao seu efeito, tás a ver? Queria organizar-me antes de falar.

Ora bem, eu só consumo uma droga, que são os canabinóides, não a utilizo à noite, não a utilizo para sair, aí utilizo o álcool, mas também não vou com intuito de sair para beber. Eu vou com o intuito, e tu sabes que à noite as pessoas não estão a trabalhar e podem sair, é a altura perfeita para te reunires com o teu grupo, não há hipóteses, é quando tu podes, é à noite. E à noite tem aquele encanto, está sempre frio num sitio à noite e há sempre uma mesa de bar onde está quentinho, cria sempre um ambiente confortável e isso propicia as pessoas se sentirem à vontade para estar a comunicar. Depois vem a cena fixe, ok, o álcool faz mal e ponto assente, mas o álcool também te permite aceder a zonas do teu cérebro que tu normalmente não consegues, então é isso.

O álcool e os canabinóides custam dinheiro, se tu estás a pagar para uma coisa e não te faz efeito és um ganda totó, tu tás a pagar então aquilo tem de fazer qualquer efeito, ou seja se eu tou a pagar para estar assim, eu estou assim porque eu quero, ponto, tás a ver?

E. – E, só uma questão, há necessidade? Como aquela história de Barcelona em que as pessoas consomem porque precisam de consumir.

S. – Ahh não, isso nem pensar, nunca tive problema com a dependência.

E. – E é necessário o álcool na mesa do café com os amigos?

S. – Não, não é necessário mas rola sempre uma cervejinha ou outra.

E. – Em relação à droga, utiliza-a em que sentido? Para relaxar?

S. – Não, não diria que fosse para relaxar, gosto do sabor, gosto do efeito.

E. – Qual é o efeito?

S. – O efeito, na minha opinião, a droga é uma substância que não existe por si própria. A droga só existe quando ela está na tua cabeça, portanto, até lá aquilo é um pedaço castanho ou uma erva. Aquilo, tu podes utilizar para pisar papéis, para fazer decoração, mas tu decides em fumar aquela substância, em pô-la na tua cabeça. Depois aquilo irá revelar...Ohh pahh, ou vai deixar-te tranquilo, ou vai deixar-te tipo hiperactivo porque te vai apetecer fazer logo qualquer coisa.

Eu gosto que a substância chegue aqui e circule livremente, para mim não há uma noção completamente diferente do que é um canabinóide, as pessoas vêem como uma droga má, é como a sociedade em geral vê a droga. Se, por exemplo, eu passar à frente duma esquadra de polícia a fumar um charro eles vão-me prender, isso é o verdadeiro mundo.

E. – Bem, S., vamos ficar por aqui, agradeço imenso a disponibilidade e todos os dados que me forneceu para a elaboração desta entrevista, foi mesmo bastante prestável.

S. – Eu é que agradeço Sara.

## **Testes Quantitativos utilizados**

Foram aplicados também testes quantitativos acreditados, dos quais Escala de Representações Sociais do Consumo de álcool e drogas, elaborado por Arriaga, M., Claudino, J. e Cordeiro, R., em 2004 (ISPA), o teste Drug Abuse Screening Test (DAST), desenvolvido em 1982 por Harvey Skinner e, por último, o teste “Como é que Eu Sou” – Perfil de auto - percepção do adulto, elaborado a partir do perfil original construído por Susan Harter.

## **5 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **Relatório Psicológico**

Nome: S.

Idade: 25 anos

Data do Relatório: 27 de Dezembro de 2010

Nome do examinador: Sara Sequeira

No geral, S. estava apresentável, foi bastante prestável e disse que responderia com calma a todas as perguntas da entrevista, bem como dos testes psicológicos propostos.

S. gostou bastante de realizar a entrevista e os testes propostos. Em algumas questões dos testes psicológicos S. duvidou da sua questionabilidade, mas respondeu sempre a tudo o que foi indicado.

S. demonstra ser portador de estudos, parece culto pela maneira como se expõe. A sua linguagem é bastante produzida, pareceu-me que se tinha preparado para este encontro.

Quando se realizou a entrevista, ficou-se com a ideia de que S. sempre foi uma pessoa feliz e que conquistou os seus sonhos e desejos. Foi uma criança feliz, viveu num bairro pobre de Setúbal de referiu que isso o fez crescer “Os meus primeiros anos de vida e o ter nascido num bairro pobre foi muito importante para a minha construção como homem”. Teve a oportunidade de fazer Erasmus em Barcelona e viver num dos locais mais cobiçados pelos jovens o Bairro Gótico de Barcelona “Fazer este Erasmus foi a coisa mais importante que me aconteceu no crescimento enquanto pessoa”. Apesar de ter terminado uma relação amorosa há pouco tempo,

parece estar a lidar bem com o assunto, apesar das suas dúvidas e receios do porquê do término dessa mesma relação “Sinto-me confuso. Sei lá, é uma cena complicada”.

Através dos testes que foram aplicados, por exemplo a Escala de Representações Sociais do Consumo de álcool e drogas, elaborado por Arriaga, M., Claudino, J. e Cordeiro, R., em 2004 (ISPA), com o objectivo de avaliar as representações sociais face ao consumo de álcool e drogas. Verifica-se que S. tem um vasto conhecimento informativo acerca destes dois temas (álcool e drogas), bem como um vasto conhecimento de quais são os efeitos dessas substâncias e se provocam ou não dependência.

Através do teste psicológico aplicado, o Drug Abuse Screening Test (DAST), que foi desenvolvido em 1982 por Harvey Skinner, este teste recai sobre o uso em excesso de drogas prescritas e ou qualquer uso excessivo, não prescrito. Considera-se que é possível existir um problema relacionado com o consumo excessivo ou dependência de drogas prescritas ou não. Pode observar-se quando S. responde que já utilizou drogas para além das prescritas por razões médicas, ou que já teve algum episódio de abuso de drogas prescritas, ou mesmo que os seus familiares já se queixaram pelo seu envolvimento com drogas.

Por último, aplicou-se também o teste psicológico “Como é que Eu Sou” – Perfil de auto-percepção do adulto, elaborado a partir do perfil original construído por Susan Harter, onde se verifica que, de um modo geral, a auto-estima de S. não se encontra comprometida. Encontra-se algumas alterações em relação ao seu exterior e à percepção da sua capacidade (moralidade e inteligência) é que os valores finais foram mais baixos.

Pode concluir-se que o indivíduo tem um problema relacionado com o uso de drogas, bebe socialmente, a sua auto-estima não se encontra comprometida e o sujeito poderá ter alguma dificuldade em conseguir distinguir, socialmente, o certo do errado.

## **6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje em dia, os temas referidos, ao longo do trabalho, são bastante pertinentes. As investigações feitas ao longo dos anos implicam vários estudos de campo, dos quais eu me baseei para conseguir ter um princípio para esta investigação.

Sendo que este tema gera alguma controvérsia, antes de tudo procurou ter-se um sujeito, ao qual se fez a entrevista e se aplicaram os testes psicológicos, que consumisse, socialmente, álcool e ou drogas.

Investigando S., sob o ponto de vista dos métodos de investigação, tanto qualitativos, pode concluir-se que o indivíduo tem um problema relacionado com o uso de drogas, bebe socialmente, a sua auto-estima não se encontra comprometida e o sujeito poderá ter alguma dificuldade em conseguir distinguir, socialmente, o certo do errado.

## **7 - REFLEXÃO PESSOAL**

Pela primeira vez vi-me como investigadora, recorri a outras investigações realizadas anteriormente para conseguir ter um impulso e uma ideia da maneira como melhor poderia realizar a minha própria investigação.

Foi um trabalho que me deu imensa satisfação de elaborar, desde Julho de 2010 que comecei na minha própria investigação, desde observações de campo e também em termos de pesquisa de bibliografia, em teses, trabalhos académicos e outras investigações sobre o tema.

Através da bibliografia em que me apoiei, consegui ter a ideia de como realizar uma investigação, bem como uma ideia em como é que estas variáveis poderiam interagir juntamente na vida de um indivíduo.

A Avaliação Psicológica permitiu-me aprofundar a compreensão das diferentes dimensões do psiquismo sem que se despendesse muito tempo.

Para concluir, os métodos qualitativos e os métodos quantitativos funcionam na perfeição se forem conjugados, utilizando-se tanto o material qualitativo, como o quantitativo. Para mim, os métodos qualitativos e quantitativos têm sempre de dar as mãos, não são opostos, são complementados um pelo outro, nunca faria sentido fazer esta investigação sem ter em conta as duas vertentes.

## BIBLIOGRAFIA

(2002). Obtido em 1 de Dezembro de 2010, de Science Direct: <http://www.sciencedirect.com>

(2009/2010). Obtido em 16 de Novembro de 2010, de Schick Shadel Hospital: <http://www.schickshadel.com>

(2010). Obtido em 1 de Dezembro de 2010, de The European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs: <http://www.espad.org/>

(2010). Obtido em 1 de 12 de 2010, de Portal da Saúde: <http://www.portaldasaude.pt>

Arriaga, M. C. (2004). *Suporte Social e Comportamentos Aditivos em Adolescentes Pré-Universitários*. Portalegre: Escola Superior de Enfermagem.

Becker, H. (1963). *Outsiders - Estudos de Sociologia do Desvio*. Zahar.

Desconhecido. (20 de Março de 2009). *Frases e Poesias*. Obtido em 21 de Novembro de 2010, de frases e Poesias: <http://www.frasespoesias.com>

Durkheim, E. (2002). *Lições de Sociologia - Ciências Sociais e Sociologia*.

Espinosa, P. (2000). *Razonamiento moral y consuetud social en el menor*. Universidade da Coruña, Espanha: Tese de Doutoramento.

Henriques, B. (2010). *Documentação fornecida na unidade curricular de Avaliação Psicológica – métodos qualitativos*. . Portimão: Ismat.

Ktree. (2007). Obtido em 14 de Dezembro de 2010, de Knowledge Tree - Psicometria e Formação: <http://www.ktree.com.pt>

Leal, A. C. (2009). Construção e Validação de uma Escala de Representações Sociais do Consumo de Álcool e Drogas em Adolescentes. In A. C. Leal, *Psicologia, Saúde e Doenças, 2006* (pp. 287-297). Lisboa: Psicologia, Saúde e Doenças, 2006.

Merton, R. K. (1979). *A Ambivalência Sociológica e Outros Ensaios*. Zahar.

Minayo, M., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 1 - 4.

Tomás, C. (2010). *Documentação fornecida na unidade curricular de Avaliação Psicológica – métodos quantitativos*. Portimão: ISMAT.

Turato, E. (2000). Métodos Qualitativos e Quantitativos na Área da Saúde: definições, diferenças e objectivos de pesquisa. *Revista Portuguesa de Psicossomática* , 93 - 99.

Weyten, W. T. (2002). *Temas e Variações - Introdução à Psicologia*. Editada Pioneira.